

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
LEONARDO DAVID MICHELETO

AS DIVERGÊNCIAS INTERNAS ANTIFASCITAS NA GUERRA CIVIL
ESPAÑHOLA DO PONTO DE VISTA ANARQUISTA

CURITIBA
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
LEONARDO DAVID MICHELETO

AS DIVERGÊNCIAS INTERNAS ANTIFASCITAS NA GUERRA CIVIL
ESPAÑHOLA DO PONTO DE VISTA ANARQUISTA

Monografia apresentada à disciplina de
Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica
como requisito para a conclusão do Curso de
História, Setor de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

Curitiba
2013

“Levamos um mundo novo em nossos corações”

Buenaventura Durruti

A todos os membros e ex-membros do Coletivo Quebrando Muros.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender as razões dos conflitos entre as organizações antifascistas no decorrer da Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939), momento em que se tinha a consciência da necessidade de uma aliança para derrotar o fascismo do general Franco.

Foi feita a análise de um periódico intitulado *Gerona CNT*, que expressa uma visão anarquista sobre os eventos ocorridos. Foi discutido o conceito de ideologia e como esta se manifestava nas práticas políticas cotidianas.

Palavras chaves: *Guerra Civil, Anarquismo, Conflitos.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
1.ORIGENS E CAUSAS DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA	Erro! Indicador não definido.
1.1 Os antecedentes da República Espanhola.	Erro! Indicador não definido.
1.2 A República Espanhola.....	Erro! Indicador não definido.
1.3 O Golpe de Estado e a Guerra Civil.....	16 Erro! Indicador não definido.
2. O ANARQUISMO	Erro! Indicador não definido.
2.1 Breve histórico do Anarquismo	21
2.2 O Anarquismo na Espanha.	Erro! Indicador não definido.
3. OS CONFLITOS NO BLOCO ANTIFASCISTA	Erro! Indicador não definido.
CONCLUSÃO	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Erro! Indicador não definido.
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a toda minha família. E não apenas o “núcleo” de casa (valeu Mari), que é certamente o mais importante, mas a todo o complexo tios/primos/padrinho/agregados/etc., que fazem de qualquer coisa um motivo para se reunir e tomar uma cerveja. Afinal de contas, não é pra isso que servem os feriados, as terças, as quartas, as quintas, os sábados ou os domingos?

Em segundo lugar, agradeço a Reitoria da UFPR. Não a burocracia ou o reitor, obviamente, mas ao espaço físico que me permitiu conhecer pessoas inesquecíveis, no pátio, nas salas, nos bares à sua volta.

Em especial agradeço os companheiros do estimadíssimo GRR 2009, em que coloco aqui seus apelidos, e não seus nomes, porque vejo nos apelidos uma forma de expressar a proximidade e o carinho que tenho por todos: Valeu Xandinho, Toninho, Jones, Hanks, Zé Love, GP, Matanza, Beruski, Hellen, Schneider, Ingrid, Nicolle. Mendigo, Goiás e Brasília, obrigado pela amizade. E é claro, a todos os amigos de fora dessa turma, que são muitos, e muito significativos. Valeu Pagode.

Obrigado a Tassi, Lu e Anne, vocês tem boa parcela de ajuda nisso. E obrigado também Raíssa, Pollo e Luan.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga as causas das divergências e conflitos internos do bloco antifascista à época da Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939), mais especificamente nas tentativas de aliança entre as centrais sindicais CNT (anarco-sindicalista) e UGT (socialista). Esta pesquisa procurou identificar as causas políticas assinaladas pelos anarquistas das cisões internas ao movimento, que influenciaram diretamente nos resultados da guerra.

O primeiro capítulo terá o contexto histórico, em que temos na Espanha uma Monarquia muito tardia, que vai durar até 1931, e desde lá já temos conflitos entre as diversas organizações. Esses conflitos não vão parar quando da proclamação da República, e a tensão entre a coalizão de direita e a coalizão de esquerda fica tão intensa que em 1936 há um golpe de Estado por parte dos fascistas, e que nos dias seguintes segue uma reação por parte do movimento operário para travar esse levante, e esses operários começam um processo de coletivização da produção, e a Espanha fica dividida em duas zonas opostas.

O segundo capítulo traçará um breve histórico e conceitualização do anarquismo, por ser essa a visão de mundo das fontes analisadas e da maior organização da época. Apesar da multiplicidade do anarquismo, será dada maior atenção à linha política que predominou no anarquismo espanhol, tendo seus ideais preconizados pela CNT. Essa linha começa em Proudhon, passa por Bakunin e Malatesta, e termina em Kropotkin, com suas idéias de Comunismo Libertário.

O terceiro capítulo tratará dos conflitos em si, apresentará a problemática e os resultados da pesquisa. A problemática consiste em saber o porquê, no contexto de uma guerra civil contra os fascistas e na iminência de perdê-la e ficar sobre o jugo de Franco (o que acabou acontecendo e durou décadas), as organizações antifascistas não conseguiram uma unidade sólida para enfrentar o inimigo comum, e acabaram por sobressair conflitos internos a esse bloco, o que foi um dos motivos que contribuíram para a sua perda na guerra.

As fontes utilizadas são edições do periódico regional *Gerona CNT*, da região da Catalunha, em que o movimento operário era muito forte, especialmente na cidade de Barcelona.

O estudo sobre a Guerra Civil Espanhola é relevante por diversos aspectos. Primeiramente, é a maior guerra civil do século XX, com um desfecho trágico que sensibilizou todo o mundo. Foi extremamente importante para o quadro mundial da época, em que uma vitória ou do lado fascista ou do lado antifascista significaria uma grande diferença no panorama geral dos conflitos mundiais. Foi importante para o futuro da Espanha, que ao final teve que ficar décadas sob o jugo do ditador Franco. Também é relevante no sentido de ser um prelúdio à Segunda Guerra Mundial, com os nazistas testando seu equipamento de guerra em cidades espanholas.

DESENVOLVIMENTO

1. Origens e causas da Guerra Civil Espanhola

Nesse primeiro capítulo serão trabalhadas as causas que deram origem ao processo chamado de Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939). Para compreendermos o que estava em jogo e o contexto das disputas internas ao bloco antifascista durante a guerra civil, precisamos antes saber como se deu todo esse processo, desde os antecedentes da República, passando pela primeira e segunda República, até o momento do golpe militar fascista e a reação do proletariado, o que deu início, em julho de 1936 à Guerra Civil Espanhola.

1.1 – Os antecedentes da República Espanhola

São vários os fatores que fizeram nascer a República Espanhola de 1931, entre eles uma longa crise política, fatores econômicos internos ligados à depressão econômica mundial, um renascimento intelectual de grande vigor, além do aparecimento de um grande movimento das massas operárias. Para Gabriel Jackson, a crise política foi o fator primordial para a ascensão do novo regime republicano¹.

Desde o tempo de Fernando e Isabel, a unidade do povo espanhol e a consciência nacional estavam ligadas às instituições monárquicas. Havia uma grande disputa pelo poder, pelos partidários de Isabel II contra os partidários de Carlos de Bourbon, os “carlistas”. Junto a essa briga, havia também a discussão sobre qual deveria ser o papel da monarquia espanhola: desenvolver o capitalismo de uma forma centralizada, ou reafirmar um caráter exclusivamente católico e predominantemente agrário.

De qualquer forma, as disputas entre essas duas facções geraram muitos conflitos e até uma guerra civil, conhecida como “guerras carlistas”. A rainha em sua maioria mostrou não ser muito competente e o governo se viu dependente dos generais para a proteção do regime, além da perda de respeito na pessoa do monarca e perda da monarquia como símbolo de unidade nacional. A única forma de esperanças de mudanças políticas eram os *pronunciamientos*², que eram uma forma de levante de curta duração liderado por um general e mais pessoas da oposição, em que se destronava o

¹ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 17.

² Idem, p. 18.

governante, com pouco derramamento de sangue, e inclusive Isabel II foi destronada desta forma.

Seguiu-se um momento de instabilidades e tentativas de novas formas de governo, com uma monarquia liberal, e depois com uma Primeira República de curta duração, em que quatro presidentes estiveram em exercício num período de tempo inferior a doze meses.

Um hábil estadista conservador chamado Cánovas del Castillo propôs uma solução prática à constante instabilidade: a restauração da dinastia dos Bourbon, seguidos de mais liberdades políticas e a retirada do Exército do centro da cena política. Dessa forma, com apoio da família real exilada, há um *pronunciamiento* para a entrada do rei Afonso XII. Ao mesmo tempo elaborou a Constituição de 1876, com liberdade de expressão e a possibilidade de se formarem partidos políticos independentes.

Nesse contexto, foram criados o Partido Liberal e o Partido Conservador, que num conchavo iam alternando-se no poder, até que em 1897 Cánovas foi assassinado por uma anarquista³ e em 1898 a Espanha perdeu o restante de seu império ultramarino. Daí até 1917 os partidos foram se desintegrando, e a monarquia parecia incapaz de assegurar sua autoridade. Em 1917 irrompeu uma série de movimentos grevistas revolucionários, dirigidos contra a monarquia. Mais uma vez, o exército teve de intervir para assegurar a ordem. Porém, o modelo estava desgastado e a monarquia prestes a sucumbir, quando o general Primo de Rivera dirigiu um golpe militar, dando um pouco mais de vida a esse regime. As liberdades diminuíram e a ineficiência e a corrupção fizeram parte de seus anos de governo, assim como a volta do aumento da participação militar na política.

Quando a crise econômica mundial chegou à Espanha, a situação ficou insustentável, então o rei afastou Primo de Rivera. Durante os quinze meses seguintes, tentou uma experiência com outro ditador militar, mas sem sucesso. Até que nas eleições municipais de 1931, nas grandes cidades, mostrou-se um forte movimento antimonárquico. Sondagens feitas pelo rei mostraram que dessa vez o exército não pegaria em armas para salvá-lo, então decidiu rápida e calmamente abandonar a Espanha. Enquanto isso a República era proclamada nas ruas de Madri. A monarquia

³ Idem, p. 20.

dos Bourbons perdera sua autoridade e boa parte do valor sentimental que tinha junto ao povo espanhol⁴.

Além desses fatores políticos descritos, há um conjunto de fatores de outras instâncias que contribuíram para a queda da monarquia. As condições econômicas, por exemplo: Apenas 10% das terras da Espanha tinham condições favoráveis à agricultura, mesmo com a grande parte da população dependendo da terra para a sua subsistência. Os latifúndios também representavam um problema, pois as terras que antigamente eram da Igreja, foram postas à venda, e somente uma parcela da população tinha condições econômicas para angariá-las, excluindo a outra maioria. Outro fator de grande importância foi o grande número de trabalhadores rurais sem terra na região da Adaluzia, o que fez avançar bastante a consciência política no período, com boa parte da Espanha se preocupando com a questão agrária.

Houve um grande crescimento populacional e econômico, e junto com ele houve também um grande renascimento cultural⁵, com grandes romancistas, poetas (o mais conhecido deles Frederico García Lorca, assassinado depois durante a Guerra Civil) e tantos outros.

Para a instabilidade do regime, contribuíram também enormemente os movimentos separatistas, como o basco e o catalão, e também os grandes movimentos das massas operárias, com destaque para o anarco-sindicalismo e o socialismo. A greve geral de 1917 conturbou tanto que teve de ter intervenção militar, com a ditadura de Primo de Rivera contada acima. No próximo capítulo, iremos aprofundar o debate político, entendendo o que é o anarquismo e quais são as suas raízes históricas, e como ele se desenvolveu na Espanha.

Com tudo isso coincidiu a grande depressão econômica mundial dando instabilidade ao governo monárquico e em 1931 é proclamada a República na Espanha, pela segunda vez, e em uma transição pacífica.

1.2 – A República Espanhola

Os republicanos aclamavam a República entusiasmadamente, afinal de contas a Monarquia fora derrubada sem nenhuma gota de sangue. Um novo governo havia assumido com notável naturalidade, e seu primeiro *Premier* foi D. Niceto Alcalá

⁴ Idem, p. 22.

⁵ Idem, p.27.

Zamora. Além dele, Miguel Maura, Ministro do Interior, era republicanos católicos. Os demais membros do primeiro Gabinete da república eram todos anticlericais, quando não ateus⁶. Isso vai ter uma grande influência nos acontecimentos, que serão explicados mais para frente. Havia no gabinete pessoas do Partido Radical, como Lerroux, e também homens formados pela *Institución Libre de Enseñanza*, intelectuais formados numa perspectiva republicana liberal, como por exemplo, Fernando de los Ríos e Casares Quiroga. Além disso, Manuel Azaña como Ministro da Guerra, que, embora não tenha sido aluno da *Institución*, refletia-lhe os efeitos. Além desses, havia dois socialistas nesse primeiro gabinete: Indalecio Prieto e Francisco Largo Caballero, que representavam efetivamente tanto o Partido Socialista quanto a central sindical socialista UGT, da qual Caballero era secretário-geral.

O governo provisório começou fazendo uma série de reformas, antes mesmo da convocação das Cortes. Uma delas foram as reformas militares, levadas a cabo por Azaña. A primeira foi reduzir o número de divisões, encurtar para um ano o serviço militar obrigatório e extinguir o grau de capitão-general, que podia sobrepor-se à administração civil em tempos de tensão ou desordem, ou seja, foi também uma medida política. Isso deveria ser feito sem ofender o espírito de casta dos oficiais, que tinham sofrido repetidas humilhações em campanhas e tinham uma longa tradição de conspirações políticas e *pronunciamientos*. O exército ficou dividido emocionalmente, com os oficiais mais conservadores acreditando que Azaña queria acabar com a corporação militar, e outros milhares querendo se encaixar nas reformas⁷.

Ao chegar o outono, uma comissão das Cortes recém-eleitas prepara um projeto de Constituição. Aí o governo comete um erro vital. Faz a Constituição com um ponto de vista identificando o regime apenas com seus próprios pontos de vista, fazendo dela um documento político altamente controverso, que continha artigos repugnantes a muitos espanhóis muito poderosos e influentes. O que iria causar mais fúria eram as cláusulas religiosas.

Vamos a elas: Os pagamentos do Estado aos padres deveriam cessar passados dois anos – embora esses salários fossem parte da compensação paga à Igreja após o confisco de suas terras, em 1837. Todas as ordens religiosas deveriam registrar-se no

⁶ THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola**. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. P. 36.

⁷ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 60.

Ministério da Justiça. Se fossem consideradas perigo para o Estado, teriam de ser dissolvidas. Ordem religiosa alguma podia possuir propriedade maior que a necessária à própria subsistência, nem podia praticar o comércio. Deveriam submeter suas contas anuais ao Estado. O fim da instrução religiosa. Qualquer manifestação pública de religião teria de ser oficialmente aprovadas⁸. Isso era uma loucura política. Tanto é que esse debate nas Cortes causou a primeira de muitas crises governamentais da Segunda República. Alcalá Zamora e Miguel Maura, ambos católicos, renunciaram. Besteiro convidou Azaña a formar outro governo. Nos finais de 1931 a Constituição foi finalmente aprovada nas Cortes.

Esse governo enfrentou muitas dificuldades logo de cara, já que assumiram a Espanha com uma grave crise financeira, em que os ricos tiravam seu dinheiro dos bancos nacionais e os colocavam em bancos estrangeiros. Além disso, a grave crise mundial atingiu em cheio a Espanha, e o valor da peseta (moeda espanhola) tinha de ser estabilizado.

Uma questão fundamental que envolveu esse governo em todo o seu período no poder, foi a reforma agrária. Essa questão envolvia complexos problemas sociais e econômicos que variavam de província para província, e até de aldeia para aldeia. Não havia como fazer uma reforma sem expropriar grandes terras, sem atacar os mais poderosos interesses do país. Largo Caballero até tentou, criando comissões mistas para tentar levar a cabo a apropriação da terra para os camponeses sem terras, mas os interesses contrários eram tão fortes que pelas Cortes essas comissões foram extintas. Caballero, com o ministério do Trabalho até que encontrou algumas brechas para avançar nesse sentido, se utilizando de dispositivos governamentais para influir nos locais de mais tensão, diminuindo o poder dos caciques locais e radicalizando camponeses para o viés socialista, o que fez a UGT aumentar seu número de trabalhadores. Porém, as leis aprovadas nesse período não atacam a questão agrária essencial, a questão do subemprego, e os conflitos no campo continuaram e cresceram, às vezes ficando violentos. Os debates nas Cortes não resolviam o problema, pois deputados de várias tendências se bloqueavam por questões políticas, e quando se aprovava leis para expropriação, logo em seguida aparecia uma cláusula juntando condições que demorariam muitos anos para serem resolvidas. Nesse sentido, a reforma

⁸ THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola**. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. P. 64.

agrária avançou muito pouco no período desse primeiro governo, com camponeses insatisfeitos queimando colheitas em algumas diferentes regiões do país⁹.

O governo conseguiu uma relativa estabilidade no outono de 1932, com o avanço de projetos em algumas áreas. Porém, vários fatores vão contribuir para a derrota de Azanã no ano seguinte. A violência esporádica causadas por conflitos ideológicos, mesmo não desestabilizando o regime, fez o governo criar as Guardias de Assalto, em que só entravam pessoas com bom condicionamento e leais à República, mas que se mostraram tão nervosos e despreparados quanto à Guarda já existente. A oposição ao regime, feita principalmente por organizações de homens de negócios e a classe média apolítica fez razoável pressão. A total laicização do ensino foi um dos fatores mais importantes para a queda de Azaña, pois o governo não tinha como substituir imediatamente as escolas religiosas, visto que eram muitas e há muito tempo faziam a educação no país. As hostilidades da classe trabalhadora e as rivalidades internas à ela também contribuíram, causando mal-estar na UGT, base aliada do governo. A opinião pública era conservadora e a maioria nas Cortes ia perdendo força. Somado à tudo isso, a organização da C.E.D.A., partido de conservadores católicos, que começaram a se aliar com os monarquistas e carlistas, e o começo de atividades de grupos fascistas como o JONS, fizeram com que a coalizão republicano-socialista perdesse as eleições em 1933, tendo contribuído para isso a abstenção anarquista nas eleições¹⁰.

O governante agora era o radical Lerroux, que dependia dos votos da CEDA e dos monarquistas para ganhar, era um governo de centro-direita. Acreditava que a República girou muito rapidamente à esquerda, então incentivou políticas conservadoras, as escolas da Igreja passaram a funcionar normalmente, debates que estavam em vigor nas Cortes foram suspensos e a reforma agrária fora parada. Os salários dos trabalhadores agrícolas voltaram a baixar, o que causou tensões nesses meios, e o governo aumentou os efetivos da Guarda Civil. A efervescência política se acentuou ainda mais. Houve uma tentativa de aliança operária entre a CNT e a UGT, além de inúmeras greves terem acontecido nesse período, algumas durando várias semanas. Ao mesmo tempo, a direita e extrema-direita também se articulavam, e houve

⁹ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 118.

¹⁰ Idem, p. 162.

a fusão da Falange com a JONS, e até mesmo iniciativas de treinamentos para milícias de choque¹¹.

Não demoraria a vir o baque. E em Outubro de 1934 houve uma revolução, com a finalidade de impedir que a CEDA participasse do governo, pois isso era considerado tanto pelos liberais da classe média, quanto pela esquerda revolucionária, o mesmo que o estabelecimento do fascismo na Espanha¹². A revolta teve três fases, primeiro, uma série de greves desordenadas, depois a proclamação da República Catalã, e na província mineira de Oviedo, as diversas forças proletárias iniciaram pelas armas uma luta contra o Governo, o exército e o sistema capitalista vigente.

Existiam ali nas Astúrias, pequenos povoados com populações variadas, muitas não contando do que mais de 10 mil habitantes, carentes de condições de vida numa região isolada geograficamente e psicologicamente, com más condições de trabalho e muita repressão policial, e aonde não chegavam informações de jornais nacionais. Lá a influência dos revolucionários era muita muito grande, principalmente da UGT. Tinham uma grande consciência de classe, e com a ascensão da CEDA, ficaram revoltados. Então os mineiros se revoltaram, estabeleceram comitês revolucionários e começaram a tomar as cidades da região, render os guardas e tomar os prédios governamentais. Não era toda a população que participava, mas era a grande maioria que apoiava.

As notícias chegaram ao governo, que tentou conduzir de maneira pacífica num primeiro momento, mas que depois levou seus homens a acabar com o movimento. E ele foi liquidado, com relatos de inúmeras torturas praticadas pelos guardas, ao contrário da ética revolucionária que agia mais humanamente. O caso mexeu com todo o país, e fez com que o ano de 1935 fosse quase todo dedicado a ele, com julgamentos de participantes e até penas de morte. O caso foi lido como um erro político por boa parte dos revolucionários, e a opinião pública passou a ficar contra o governo, por conta desse massacre¹³.

Em 1935, a Internacional Comunista lança a campanha da “Frente Popular”, em que se uniriam as forças liberais e da esquerda para lutarem contra a traição do fascismo. Tiveram que se livrar dos ranços que tinham com sociais-democratas e

¹¹ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 176.

¹² Idem, p.199.

¹³ Idem, p. 216.

liberais, pois tiveram seus chefes mortos em campos de concentração, concluindo então que o fascismo e o nazismo eram perigo mais imediato do que o capitalismo. A “Frente Popular” tinha dado resultados na França, local que sempre exercera muita influência na Espanha. Então Azaña e Prieto decidiram construir uma coligação desse tipo, e em janeiro fecharam o pacto. A Izquierda Republicana (Azaña), a Unión Republicana (Martínez Barrio), a Esquerra Catalã, o Partido Socialista e o Comunista fizeram uma aliança eleitoral com um programa mínimo, que envolvia uma reforma agrária mais rápida e anistia para presos políticos¹⁴.

Com essa grande coalizão, mais a não-abstinência anarquista, em 1936 a Frente Popular consegue a maioria das cadeiras e ganha as eleições. Essa vitória semeou pânico no atual governo e na derrocada direita. De acordo com as altas personalidades da CEDA, o general Franco foi convidado a participar de um golpe militar para anular as eleições, o que ele teria recusado. Mas os boatos de um *pronunciamiento* circulavam pelo país¹⁵.

Mesmo assim, o governo da Frente Popular assumiu, com divergências internas que eram relacionados a alguns detalhes importantes. O governo demorou a vir com uma legislação e um programa prático de governo. Enquanto isso, a violência se desenvolvia na Espanha, tanto entre sindicalistas da UGT e da CNT, com atuação de pistoleiros, mas principalmente entre esquerdistas e fascistas. As juventudes fascistas davam voltas nos bairros operários, alvejando aleatoriamente os “vermelhos”. O governo conseguiu tomar algumas medidas progressistas, avançando novamente na reforma agrária e tomando boas atitudes em relação ao desemprego. Mas a atmosfera era tão tensa e o ódio de classe era tão palpável, que era impossível um governo estável, pois a violência se tornara cotidiana.

1.3 – O Golpe de Estado e a Guerra Civil

Além das disputas acirradas e insultos dentro das Cortes, por parte dos parlamentares, os meses de junho e julho foram testemunhas de acontecimentos revolucionários, tanto nas cidades como nas províncias. Dia primeiro de junho, em Madrid, cerca de 40 mil operários da construção civil e 30 mil eletricitas e reparadores

¹⁴ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 248.

¹⁵ Idem, p. 256.

de elevadores entraram em greve¹⁶. As duas grandes centrais sindicais estavam envolvidas. A UGT até então tinha mais influência em Madri, mas o quadro estava se mudando para maior influência da CNT. Os trabalhadores da CNT comiam e adquiriam gêneros sem pagar, enquanto os chefes da UGT ficavam em silêncio. Por não se decidir, Largo Caballero perdeu prestígio entre os socialistas. A greve durava já seis semanas e chamava a atenção nacional por ser na capital. Ao mesmo tempo, a reforma agrária acelerou muito com a chegada da esquerda ao poder, um processo radicalizado.

Com a vitória da Frente Popular, os oficiais reacionários e monárquicos planejavam um levante militar, mesmo sabendo que o exército não estaria pronto para assumir o poder, mas achavam que o país se tornaria comunista dentro de alguns meses. Sentiam que na sua condição de militares, tinham o dever de responsabilidade da segurança da nação em momentos de desordem¹⁷. Principalmente os membros da Unión Militar Española (UME) começaram os preparativos em Março, com reuniões em Madri, participando delas muito do que estavam presentes à época do levantamento do general Sanjurjo. É bom salientar que nem todos os oficiais do Exército eram fascistas ou monárquicos, pois muito deles pularam para frente de esquerda quando da chegada da guerra civil.

A morte de Castilho e Sotelo adiantou a fixação da data para o levante para o dia 17 de julho, e todos os oficiais participantes estavam avisados. O levante começaria em Marrocos e depois partiria para todas as principais guarnições da Península, em 24 horas. O general Mola defendia a continuação da República, mas com um diretório exclusivamente militar, a continuação da separação entre Igreja e Estado e a liberdade de culto. Franco foi designado para Marrocos, onde foram invadidos os prédios públicos de maior importância e abatidos os funcionários públicos e sindicalistas que oferecessem algum tipo de resistência¹⁸. O levantamento apanhou os oficiais republicanos de altos postos e o governo de Madri de surpresa.

O general Franco declarou estado de guerra em Tenerife e foi à rádio explicar os motivos do levantamento militar: “falou que as greves anárquicas estavam a destruir a nação, que a Constituição fora abolida para todos os fins práticos, que nem a liberdade, nem a igualdade, em tais circunstâncias, poderiam sobreviver perante a lei, que o

¹⁶ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 287.

¹⁷ Idem, p. 290.

¹⁸ Idem, p.303.

regionalismo estava a destruir a unidade nacional e que os inimigos da ordem pública haviam sistematicamente difamado as forças armadas. O exército já não podia, pois, olhar negligentemente para estas vergonhosas manifestações. Erguia-se, revoltado, a fim de restabelecer a justiça e a igualdade e levar a paz a todos os espanhóis. O exército não aboliria as melhorias sociais recentemente conquistadas pelo povo e não agiria com espírito vingativo. Garantiria à Espanha, pelo contrário e ‘pela primeira vez, e pela ordem seguinte, a trilogia fraternidade, liberdade e igualdade’¹⁹.

Os golpes militares foram rápidos e bem sucedidos em quase todas as províncias, na maioria dos casos matando muita gente com suas metralhadoras. Porém, nas duas principais cidades do país, Madri e Barcelona, a situação foi diferente. Devido em parte à hostilidade internas aos oficiais, pois havia membros do exército que eram fiéis à República, e devido também à grande reação dos operários, o levantamento nessas cidades foram mal-sucedidos.

Sobre a atuação decisiva dos operários nos dias seguintes ao levante militar, é relevante recordar a memória da CNT sobre o caso, mesmo sendo um trecho extenso:

“A explosão revolucionária que se seguiu ao levante fascista do 18 de julho lançou por terra as já débeis estruturas republicanas, transferindo para as organizações de massas e populares o que até então era prerrogativa do Estado. Nas duas principais cidades espanholas, Madri e Barcelona, a atitude dos militantes das organizações operárias havia sido decisiva, tanto para obter as armas – que com suspeitosa insistência negava o governo de Casares Quiroga – quanto para, uma vez obtidas, esmagar os levantes fascistas encabeçados por Fanjul e Godet. Em Barcelona, importantíssimo núcleo anarco-sindicalista, a decisiva atuação dos militantes da CNT e da FAI, obrigou o presidente da *Generalitat*, Luis Companys a reconhecer o que era, desde o 19 de julho, uma realidade: o poder estava na rua, nas distintas organizações, e isso com todas as conseqüências. O poder repressivo do Estado, representado pela Guarda de Assalto, a Guarda Civil e o exército, desapareceu das ruas. Numerosos militares republicanos, que permaneceram fiéis ao governo, arrancaram seus galões e uniram-se ao primeiro sinal da Revolução às milícias populares, integradas por militantes de partidos de esquerda e organizações operárias.

¹⁹ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 304.

Assim mesmo, a estrutura jurídica vigente deixou, em grande parte, de funcionar, para ser substituída por uma justiça popular, incontável inclusive pelas organizações operárias e pelos partidos políticos. A secular exploração em que a classe dominante havia mantido o povo espanhol, a repressão que sobre qualquer intento de reivindicação operária havia exercido o imenso vazio cultural de grande parte do povo espanhol, provocaram uma reação que ia além do político e do social, uma vez que se havia rompido a barreira de tantos séculos de exploração. Era uma liberação coletiva, uma euforia agigantada, em que a palavra e o sentimento que afluía mais vezes e com mais força era “Igualdade”. E este sentimento expandiu-se e ocupou todos os lugares da vida coletiva da Espanha republicana. Os restaurantes, os teatros, os colégios que até bem pouco tempo eram domínio exclusivo de uma pequena mas poderosa classe social, continuaram funcionando coletivizados, conquanto a mudança que se podia observar neles era singular: se poucos dias antes, no espetáculo do teatro real de Madri, o público era um compacto conjunto de casacos de peles, jóias e fraques, poucos dias depois, no mesmo espetáculo, este era uma mar de bonés, trajes baratos e macacões de mecânicos, vestimenta esta que por simbolismo operário começou a ser mais usada. Todavia, chegou um momento em que esta primitiva euforia confrontou-se com as realidades da guerra. »²⁰

Os militares insurrectos dominavam 1/3 da Espanha, que se dividiu em duas zonas. Ambas as partes não tinham condições bélicas suficientes para uma guerra civil, e tiveram que pedir auxílio estrangeiro. A zona fascista conseguiu auxílio e intervenções da Alemanha nazista e da Itália fascista. Os governos republicano–democráticos de França e Inglaterra ficaram na neutralidade, não fornecendo armas para a zona esquerdo-republicana e fazendo “vista grossa” ao fornecimento por parte dos nazifascistas, que quebravam o pacto de não-intervenção feito pelas potências²¹. A URSS ajudava a República, mas essa ajuda será relativizada no último capítulo, pois essa questão será importante nos conflitos entre anarquistas e comunistas.

Como nos mostra o relato acima, os operários, em grande parte os anarquistas, após retomarem algumas zonas, começaram a coletivizar várias áreas da vida cotidiana e meios de produção. Restaurantes, teatros, fábricas, terras, transporte, etc. começaram a

²⁰ CNT. **A Guerra Civil Espanhola nos Documentos Libertários**. Editora Imaginário. São Paulo, 1999. Cap. 2 – Os primeiros dias da Revolução. P. 25 – 34.

²¹ JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973. P. 321.

serem regidos de maneira coletiva e um ar de liberdade e igualdade começou a pairar sobre essas coletividades, com uma paixão muito forte, principalmente por parte dos militantes. A grande agitação e intensidade desse período era justamente isso: ao mesmo tempo em que construíam uma revolução social acontecia uma guerra civil, e eles tinham que voltar sua atenção a essa guerra. E um dos grandes dilemas que dividiu os revolucionários foi esse. Os anarquistas acreditavam que a guerra e a revolução estavam ligados e deveriam andar juntos, como veremos nos jornais mais para frente; enquanto outros setores da esquerda se colocavam contra as coletivizações e isso foi mais uma das causas dos conflitos entre eles.

2. O Anarquismo

Como vamos pensar o conflito entre as centrais sindicais e ideologias presentes no bloco antifascista pela visão anarquista, é necessário saber o que é o anarquismo, seus princípios, práticas, história, pensamento, tudo o que define o anarquismo como uma ideologia e lhe dá uma visão específica de mundo. Primeiramente, será apresentada uma breve história do anarquismo geral, como ele surgiu enquanto movimento, e depois uma história de como essas idéias e esse movimento surgiram e cresceram na Espanha, ganhando grandes proporções.

2.1 – Breve histórico do Anarquismo

O termo “anarquia” é usado em diferentes sentidos, causando muitas vezes más interpretações, e até mesmo distorções propositais. Anarquia seria a ausência de governo, de autoridade instituída de cima, de chefes permanentes num grupo humano. O que para muitas pessoas pode ter sinônimo de caos e desordem, para outras pode significar outro tipo de organização, que não a dominante, estatal.

A revolta contra o Estado é muito antiga, e vêm desde a Grécia e Roma antiga, assim como escritos na China e Índia²². Autores como William Godwin e Max Stirner também refletiram sobre a anarquia, assim como movimentos insurrecionais e comunidades utópicas foram experimentadas ao longo de alguns séculos. Existem múltiplas formas de anarquismo, pois existem os individualistas, os mutualistas, coletivistas, anarco-comunistas, etc. Algumas delas divergiam muito entre si, por exemplo, a oposição entre individualistas que faziam atentados à bomba e os anarquistas organizados que organizavam política e socialmente a classe operária. Isso torna complexa a definição de anarquismo, pois qualquer pessoa poderia e pode se reivindicar o anarquismo, mas será que é isso mesmo que a define enquanto tal? De qualquer forma, o que interessa para nós é quando o movimento começa a ganhar corpo de forma organizada e prática, a partir das idéias de Proudhon.

Proudhon foi o primeiro a se auto-intitular como anarquista, o que antes era apenas utilizado para desqualificar pessoas e agentes políticos. Ele foi o autor da obra *O que é a Propriedade?*, e fica conhecido pela sua célebre frase: “a propriedade é um roubo!”. Pela sua experiência frustrada na Assembléia francesa, passa a se opor à democracia representativa e propõe o que seria um sistema federativo, com a

²² WALTER, Nocilas. **O que é anarquismo?** Editora Faísca, 2009.

descentralização do poder. Muitos dos seus seguidores virão a atuar na AIT, como proudhonianos federalistas.

Claro que a história não é só feita por grandes homens, nesse caso são milhares de operários que movimentavam a política da época. Os grandes pensadores apenas sintetizavam as experiências do movimento operário com a ajuda das ciências. Um dos grandes pensadores e também militante, o mais reconhecido e admirado da história do Anarquismo, é Mikhail Bakunin. Ao contrário de Proudhon, que vinha de família humilde de tipógrafos, Bakunin veio das classes altas e renunciou a todas as regalias que poderia ter para se dedicar à revolução. O russo era membro da Associação Internacional dos Trabalhadores, que aglutinava em seu seio diversas correntes políticas, como os blanquistas, os federalistas, os comunistas, etc. Na AIT, alimentava com Karl Marx permanentes divergências, as principais sendo sobre a participação dos camponeses na revolução, a abolição do direito de herança e a representação política e participação parlamentar. Essa divergência perpassa a Comuna de Paris (1871), até que em 1872 os anarquistas são expulsos da AIT:

“Tal divergência não ficou adormecida durante os anos de guerra e do advento da Comuna de Paris, em 1871. Neste período o Conselho Geral reuniu-se em Londres e iniciou os preparativos para o Congresso de Haia, em 1872. Bakunin, que havia participado das comunas de Lyon e Marselha, encontrava-se ainda envolvido nos preparativos para outras iniciativas de mesma inspiração. O Congresso de Haia, dessa forma, aconteceu em uma conjuntura de grande repressão aos internacionalistas. Na França, as leis eram severas, os *communards* haviam sofrido com os fuzilamentos, as prisões e deportações. Na questão da estratégia política, diferente de outras vezes, os socialistas alemães agora contavam com o apoio importante dos blanquistas franceses. Uma vez que, as seções e filiações tinham representação numérica, desprezando-se a expressão na base de cada uma das representações, o que no caso das votações caracterizava “maioria artificial”, não ficou difícil para o Conselho Geral fazer passar o dispositivo que reintroduzia na AIT a luta política como mecanismo privilegiado. Diante deste quadro, não foi mais possível a permanência dos federalistas nos quadros da Associação Internacional dos Trabalhadores.”²³

²³ SAMIS, Alexandre. **Polêmicas no interior da Primeira Internacional**. In: http://www.cabn.libertar.org/wp-content/uploads/2012/02/Alexandre_Samis_-_POL%C3%80MICAS_NO_INTERIOR_DA_PRIMEIRA_INTERNACIONAL.pdf. Acessado em: 12/12/13.

As divergências ideológicas se dão a nível estratégico, e vão influenciar os movimentos futuros, por isso é bom deixá-las claras. Segue um trecho da obra que é considerada carro-chefe das obras de Bakunin:

“Ponto capital deste programa: a emancipação (pretensa) do proletariado pelo único meio do Estado. Todavia, para isso, é preciso que o Estado aceite tornar-se o emancipador do proletariado, livrando-se do jugo do capital burguês. Como, portanto, inculcar esta vontade no Estado? Para isso só podem existir dois meios: o proletariado faz a revolução para se apoderar do Estado – meio heróico. Depois de ter se apoderado do Estado, ele deveria, segundo nossa opinião, destruí-lo de imediato, enquanto eterna prisão das massas proletárias; ora, segundo a teoria do sr. Marx, o povo, não só não deve destruir o Estado, mas deve, ao contrário, reforçá-lo, torná-lo ainda mais poderoso, sob esta forma, colocá-lo à disposição de seus benfeitores, tutores e educadores, os chefes do Partido Comunista, numa palavra, à disposição do sr. Marx e de seus amigos, que logo começarão libertá-lo à sua maneira. Eles controlarão as rédeas do governo, visto que o povo ignorante precisa de uma boa tutela, criarão um Banco do Estado único, que concentrará em suas mãos a totalidade do comércio, da indústria, da agricultura e até mesmo da produção científica, enquanto a massa do povo será dividida em dois exércitos: o exército industrial e o exército agrícola, sob o comando direto dos engenheiros do Estado, que formarão uma nova casta político-científica privilegiada. [...]”²⁴

Bakunin articulava a Aliança da Democracia Socialista, grupo de federalistas que atuava dentro da Internacional. Nesse contexto, conheceu o jovem Errico Malatesta, um italiano que começara na política como republicanista seguidor de Mazzini, mas que foi se identificando cada vez mais com o socialismo libertário. Malatesta, por suas inclinações políticas, ficou em contato permanente com Bakunin, tendo inclusive o assessorado em diversas tarefas, e organizado vários motins e levantes. Quando este morreu, Malatesta foi um dos que deu continuidade ao pensamento:

“A morte de Bakunin não foi um ponto final na evolução que vinha representando o federalismo libertário nos meios operários; tampouco estagnou a ideologia diante dos desafios. No mesmo ano, em outubro, foi celebrado em Tosi, povoado da região de Pontassieve, localidade próxima de Florença, um congresso no qual as bases das teses do comunismo anarquista foram lançadas. Após uma marcha de

²⁴ BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário/Ícone 2003. P. 215.

cerca de nove horas, sob uma chuva torrencial, os cerca de cinquenta congressistas se reuniram, ainda que açoitados pela polícia. Entre os formuladores do novo corte interpretativo, posto como alternativa circunstancial ao coletivismo de Bakunin estava Carlo Cafiero, Andréa Costa, Emilio Covelli e o próprio Malatesta. A tese do comunismo anarquista podia ser resumida na seguinte sentença: ‘de cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades’. O Congresso condenou acerbamente a instituição de qualquer governo, assim como a participação nas eleições. Foi indicada a propaganda anarquista entre camponeses e conscritos do exército, além de uma preocupação mais específica com a divulgação ‘das idéias’ entre as mulheres.

»²⁵

Malatesta se enquadra e foi precursor do que pode se chamar de corrente organizacionista do anarquismo-comunista. Ele defendia a necessidade de uma organização (ou até partido) anarquista e de um programa. Por isso mesmo, polemizava e era muito criticado pelos anarquistas individualistas. Era contra os partidos autoritários e que disputavam as eleições burguesas, mas defendia um partido como o conjunto dos indivíduos que têm um objetivo em comum e se esforçam para alcançá-lo, como uma organização sem autoridade, pautado na consciência dos membros, em que todos devem ter o interesse em pensar e agir, e não se pode deixar a alguns todo o trabalho. A organização, longe de criar autoridade, é o único remédio contra ela.²⁶

Nesse contexto, temos também o aparecimento de Piotr Kropotkin, um geógrafo russo, que abdicou de sua carreira militar e renunciou ao seu título de nobreza para lutar em favor da causa dos oprimidos, virando anarquista quando conheceu a Federação do Jura, seção bakuninista da Internacional. Muito erudito, queria prover o Anarquismo de sustentações científicas, através das ciências naturais. Com isso, ele escreveu o *Apoio Mútuo*, que seria a refutação do darwinismo, pois para Kropotkin, as espécies sobreviveram devido a um apoio mútuo entre seus membros, e isso deveria acontecer também entre os homens. Para ele, a diferença dos anarquistas é que eles acreditam muito mais na liberdade do que na coerção.

²⁵ SAMIS, Alexandre. **Polêmicas no interior da Primeira Internacional**. In: http://www.cabn.libertar.org/wp-content/uploads/2012/02/Alexandre_Samis_-_POL%C3%80MICAS_NO_INTERIOR_DA_PRIMEIRA_INTERNACIONAL.pdf. Acessado em: 12/12/13. P. 2.

²⁶ MALATESTA, Errico. A Organização II. **Escritos Revolucionários**. São Paulo: Hedra, 2008.

Tanto Kropotkin quanto Malatesta insistem na propaganda pelo fato como forma de atuar politicamente, que significa a coerência entre o discurso e a prática, pois a idéia e a ação são inseparáveis, algo a ver com a própria ética anarquista. Para Kropotkin, o período de transição revolucionária não seriam 2 ou 3 dias e transmissão de poderes, mas sim um período de lutas, que tende gradualmente a eliminar os preconceitos e as instituições de dominação, podendo durar longos anos.²⁷

Esses autores influenciaram profundamente o anarquismo na Espanha, com Malatesta fazendo eventos militantes por lá, e Kropotkin sendo lido para os camponeses analfabetos da Andaluzia, principalmente sua obra *A Conquista do Pão*. Porém, outras tendências serão encontradas naquela sociedade, inclusive anarquistas individualistas que atuam com atentados. Mas a corrente hegemônica, concretizada pela grande organização CNT, é o anarco-sindicalismo, em que cabe aos sindicatos fazer a luta e gerir a sociedade através dos sindicatos, livres.

O anarquismo defende a organização da sociedade por comunas livres e autônomas, confederadas entre si, a partir do local de moradia, e nos sindicatos, a partir do local de trabalho. Mais para frente o federalismo ficará mais claro, quando explicarmos o tipo de gestão da CNT.

Resumindo, os princípios do anarquismo são: liberdade, federalismo, autonomia, internacionalismo, anti-estatismo.

2.2 – O Anarquismo na Espanha

Desde 1873, quando escreveu *Estatismo e Anarquia*, Bakunin já percebera na Espanha um potencial revolucionário, muito antes da criação da CNT. Ao descrever a reação do povo espanhol ao resistir à invasão de Napoleão, escreve:

“Revelou-se, então, que a Espanha não estava morta. Salvou-se do jugo do estrangeiro por uma insurreição, na essência popular, e provou que as massas incultas e desarmadas são capazes de resistir às melhores tropas do mundo, desde que estejam animadas de uma violenta e unânime paixão. Provou ainda mais; provou que, para preservar a liberdade, a força e a paixão populares, é mesmo preferível a ignorância à civilização burguesa.”²⁸

²⁷ KROPOTKIN, P. **O princípio anarquista e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007. P. 42.

²⁸ BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário/Ícone 2003. P. 51.

E ele avança para além dessa resistência, discorrendo sobre levantes que aconteciam no período, até com certo otimismo:

“O demônio do socialismo revolucionário apoderou-se em verdade da Espanha. Os camponeses de Andaluzia e Estremadura, sem nada pedir a ninguém e sem esperar instruções a quem quer que seja, apoderaram-se e apoderam-se ainda, todos os dias, das terras dos antigos proprietários fundiários. A Catalunha, Barcelona à frente, decreta em alta voz sua soberania. O povo de Madri proclama a República Federal e não aceita que a revolução seja submissa às futuras decisões absolutistas da Assembléia Constituinte. Nas províncias do Norte, em hipótese nas mãos da reação carlista, a revolução social está de modo manifesto em marcha: os *fueros* são proclamados, assim como a autonomia das províncias e comunas, enquanto as atas judiciais e civis são queimadas; em toda a Espanha, a tropa fraterniza com o povo e expulsa seus oficiais. A bancarrota geral, pública e privada – primeira condição da revolução social e econômica -, começa.”²⁹

As idéias socialistas penetraram na Espanha pela Catalunha e Andaluzia quase ao mesmo tempo. Joaquim Abreu, um democrata andaluz que teve que fugir da Espanha, se converteu na França às idéias de Fourier. Voltou a Cádiz em 1840 e se empenhou na propaganda do falansterismo. Quase ao mesmo tempo, foram semeadas na Catalunha as idéias de Cabet Abdón Terradas e os irmãos Monturiol.³⁰ Na Catalunha já se agitavam os trabalhadores urbanos por seus direitos elementares, por liberdade de trabalho. Em 1840 conquistaram sua primeira sociedade de resistência e em 1855 já havia um movimento operário estendido por toda região e litoral. No outro extremo da península, temos um quadro de feudalismo agrário, uma região que as armas castelhanas tinham conquistado um reduto hispano-muçulmano, a Andaluzia. Lugar aonde a injustiça social se dava mais brutalmente do que toda Espanha. O regime de ocupação se dava especialmente contra as classes pobres, daí que as insurreições camponesas tiveram um ressentimento histórico, e é daí que Bakunin enxerga seu potencial revolucionário.

A Internacional começa a penetrar na Espanha:

“Tendo a Revolução de setembro de 1868 triunfado, as seções bakuninistas de Genebra da AIT enviam à Espanha o italiano José Fanelli. Quando este abandonara

²⁹ BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário/Ícone 2003. P. 53.

³⁰ PEIRATS, José. *La CNT em La Revolución Española*. Tomo I. Cali – Colombia. A. A. La Cuchila, 1988.

Madri e Barcelona, já constituídos os núcleos iniciais da *Federação Regional Operária Espanhola*, (seção da 1ª Internacional), em 1870, Barcelona reúne o primeiro congresso operário espanhol, dotado de uma organização à base de seções locais, de comarcas e regionais democraticamente eleitas e com ampla autonomia. Triunfam as teses libertárias relativas à ação política.”³¹

O emissário de Bakunin havia levado três documentos para a Espanha, entre eles o programa da Aliança da Democracia Socialista, que, segundo Peirats:

“Este programa encajaba muy bien en el temperamento de los españoles desheredados. La version federal introducida por los bakuninistas llovía sobre mojado puesto que avivaba reminiscências de fueros locales, cartas pueblas y municipios medievales libres.”³²

A visita do marxista Lafargue convence alguns membros da organização a seu favor e provoca a cisão em Madri, porém continua predominando a tendência libertária, e os quatro delegados que participam da reunião de Haia, em que se consuma a cisão da Primeira Internacional, votam a favor de Bakunin e contra Marx.

Durante a I Republica e a volta à Monarquia, a Federação sofreu alternâncias de clandestinidade e legalidade. A repressão aumentava, pois em 1892, com a criação da *Mão Negra*, ocorreu fechamento de locais, prisão de militantes e ocaso dos restos da organização. Porém, isso não significou de modo algum o fim da agitação libertária na Espanha:

“Em 1907 constitui-se, em Barcelona, a ‘Solidaridad Obrera’, sociedade que participará dos sucessos da Semana Trágica barcelonesa, concluída com o fuzilamento de Ferrer y Guardia e as deportações de Anselmo Lorenzo, Esteve e Teresa Claramount e outros, e que será o embrião da CNT da Catalunha.

A CNT constitui-se na Espanha em 1º de novembro de 1910 por resolução do Congresso Operário reunido no Salão de Belas Artes de Barcelona, que expressou sua vocação de federar o proletariado espanhol em uma única organização definitiva por uma posição claramente anarco-sindicalista.

³¹ CNT. **A Guerra Civil Espanhola nos Documentos Libertários**. Editora Imaginário. São Paulo, 1999. P. 11.

³² PEIRATS, José. **La CNT em La Revolución Española**. Tomo I. Cali – Colombia. A. A. La Cuchila, 1988. P. 3.

Para os anarco-sindicalistas, são os próprios operários que, mediante a ação direta e a prática da solidariedade, têm de emancipar-se da exploração capitalista e da opressão do Estado. Propõem a reorganização da sociedade sobre as bases do Comunismo Libertário, quer dizer, a livre federação dos indivíduos que realizaram a coletivização da produção, apoiando-se nesse ideal proclamado por Ricardo Mella: ‘A liberdade como base, a igualdade como meio, a fraternidade como fim.’³³

Em 1919 a CNT passou por uma grande prova de fogo, apresentando a todos o sindicato único pela ação direta. A greve começou com trabalhadores de determinada empresa, e por solidariedade foi se estendendo, de sindicato em sindicato, de federação em federação, paralisando os serviços públicos. Quando o governo de centro-esquerda assumiu e não conseguiu dar conta da reforma agrária, ocorreu um levante anarquista que ficou famoso como *Casas Viejas*. Nas eleições seguintes, a CNT fez orientações de não votação, e a direita ganhou as eleições. Porém, esse governo era tão contra os trabalhadores, que ocorreu o já mencionado evento de revolução nas Astúrias. Nas eleições seguintes, a votação ficou livre para os membros da CNT, e a Frente Popular ganhou as eleições. Isso para mostrar o quão importante era a CNT para o quadro político da época.

Sobre o modo de organização da CNT espanhola, temos o estudo de René Berthier, em que discorre sobre autogestão e federalismo, tendo como base o anarco-sindicalismo. Segundo o autor, as decisões começam dos organismos de base, simultaneamente na empresa e no local de moradia. Na CNT, os trabalhadores se reuniam inicialmente nos comitês de oficina (ou serviço), e nessas assembléias discutiam sobre a organização do trabalho no conselho de fábrica. Elegem um delegado com cargo revogável, que devem levar as discussões ao âmbito do comitê de fábrica, onde estão reunidos os delegados de todos os comitês de serviço da empresa, e é responsável por “distribuir o trabalho às oficinas, assegurar sua execução, prover o abastecimento, o transporte, segundo as instruções que receber do sindicato de indústria. Cabe-lhe estabelecer entre as oficinas as ligações necessárias, organizar o trabalho nas melhores condições possíveis etc.”³⁴ Em seguida, os delegados dos comitês de fábrica se reúnem nos sindicatos de indústria, que tem por atividade coordenar as atividades das empresas da localidade, e é o organismo de base da produção. É ele que entrega à união

³³ Idem, p. 18.

³⁴ BERTHIER, René. **Concepções anarco-sindicalistas de autogestão**. In: Autogestão e Anarquismo. Editora Imaginário. SP: 2005. P. 4.

local a produção industrial com vistas a uma repartição ou a uma troca pelos ofícios comunais qualificados.

As uniões locais “são organismos completos da produção, cuja esfera de atividade determina a extensão da comuna, organismo político; elas têm por papel dirigir toda a produção da localidade, fazê-la executar segundo o programa estabelecido pelo conselho econômico do trabalho - organismo confederal cujos membros são os representantes das federações de indústria, e cujo papel é de ordem técnica exclusivamente. As Uniões locais são administradas por um conselho designado pelos sindicatos reunidos em congresso. A gestão é controlada de modo periódico e freqüente por um comitê composto de delegados diretos dos sindicatos. Elas asseguram a ligação entre todos os sindicatos locais e coordena sua atividade. É sobre ela que repousa todo o sistema de organização local.”³⁵

Das uniões locais saem os delegados para as uniões regionais, e delas para os organismos nacionais, formando um conselho econômico do trabalho, dos representantes das federações de indústria. “De posse de todas as informações concernentes à produção, ao consumo e à troca, informações que lhe terão sido fornecidas por todos os níveis inferiores segundo o processo do federalismo democrático, ele estará em condição, com o concurso dos diferentes ofícios qualificados, de indicar às regiões por indústria a produção a efetuar, organizar a alimentação em matérias-primas, as importações e a exportação. O conselho econômico do trabalho está sob o controle da Confederação, única responsável perante os sindicatos. É ele que informará os conselhos econômicos regionais que, por sua vez, distribuirão o trabalho aos conselhos locais e estes aos sindicatos.”³⁶

Podemos ver que o federalismo é construído de baixo para cima, permitindo uma consulta de nível em nível, em um movimento de duas correntes: uma da base ao cume, de discussão e decisão, e outra do cume à base, de ação. Mas não era tudo às mil maravilhas, como veremos adiante, com Frank Mintz.

Frank Mintz também nos traz uma importante contribuição com seus estudos sobre a CNT na Guerra Civil Espanhola. Assim como Berthier, é um estudioso anarquista preocupado em desvelar o processo mais rico que o anarquismo propiciou enquanto protagonista, e na sua obra *O Anarquismo Social*, traz alguns dados e

³⁵ BERTHIER, René. **Concepções anarco-sindicalistas de autogestão**. In: Autogestão e Anarquismo. Editora Imaginário. SP: 2005. P. 5.

³⁶ Idem.

reflexões importantes. Primeiramente, traz a informação de que a CNT retoma táticas da CGT francesa de 1900 – 1908, de ação direta e sabotagem. Porém, diferentemente desta, a CNT é revolucionária e aberta a todos e reúne os trabalhadores combativos: crentes ou não, sabendo ler ou não. Os intelectuais são quase ausentes e são muito minoritários em 1936. Essa é uma diferença para com a história do movimento operário, que é habituado a líderes ancorados em seus postos, eternos, muitas vezes de família nobre ou burguesa. Os artífices do período de formação do movimento são tipógrafos, e têm além de sua profissão, suas atividades sindicais. Mintz traz a crítica do movimento anarquista espanhol, pois diz que a obra revolucionária é freada também nas altas esferas da própria CNT, pois quando o comitê nacional julgasse útil, as decisões eram feitas de cima para baixo, acusando desvios sindicais. No contexto de aliança para ganhar a guerra, o poder volta aos políticos.³⁷

³⁷ MINTZ, Frank. **O Anarquismo Social**. Editora Imaginário, 2005.

3. Os conflitos no bloco antifascista através do periódico *Gerona CNT*

O presente trabalho procura investigar as causas dos conflitos no interior do bloco antifascista à época da Guerra Civil Espanhola, conflitos esses que contribuíram e muito para minar a vitória dos revolucionários, que acabaram sucumbindo perante o fascismo do general Franco. Porém, o trabalho procura dar uma visão parcial do momento, mais especificamente, a visão dos anarquistas, maior força do movimento operário espanhol da época, através do periódico *Gerona CNT*. Gerona é uma província que faz parte da Catalunha, onde se tinha a maior força do movimento, mas que estava mais concentrada em Barcelona. Esse periódico tinha uma tiragem diária, com a maioria de suas edições contendo quatro páginas. Em seu conteúdo, temos notícias das frentes de guerra, deliberações dos comitês da CNT, notícias da vida sindical, avaliações da conjuntura internacional, questões de economia, ataques e críticas políticas, chamados a reuniões e eventos, entre outros. Muito provavelmente era dirigida aos militantes anarquistas da região, para informá-los e motivá-los acerca da guerra e da revolução.

Enfim, o periódico estudado é muito rico no quesito história política, pois traz discussões entre os expoentes das organizações, tendo contribuído para este, nomes como Federica Montseny, que ocupou o cargo do Ministério da Saúde e Assistência Social no governo de Largo Caballero; Pagé y Villa, outro intelectual, entre outros. Traz também denúncias de manobras políticas, principalmente do Partido Comunista espanhol, que corroboram com as obras de Antony Beevor e Gabriel Jackson, além de trazer reflexões sobre concepções de movimento que escancaram as diferenças nas práticas políticas com as outras organizações de esquerda.

A CNT foi criada em 1909 e já em 1910 já temos indícios de alguns pequenos conflitos entre esta e a UGT, por disputas de penetração social nas mesmas zonas, que produzem dezenas de controvérsias apaixonadas, disputas e agressões pouco edificantes, segundo Peirats.³⁸

Ao longo dos anos essas disputas não foram ficando mais escassas. Durante o contexto da queda de Azaña e da vitória do governo centro-direitista, por volta de 1933, temos relatos de contratações de pistoleiros e rivalidades sindicais, principalmente nas áreas portuárias, com destaque para a violência em Sevilha.

³⁸ PEIRATS, José. *La CNT em La Revolución Española*. Tomo I. Cali – Colombia. A. A. La Cuchila, 1988. P. 10.

As estratégias diferentes marcavam divergências ideológicas, que às vezes faziam essas organizações estarem de lados opostos na política. Por exemplo, nas alianças com o governo republicano. A UGT era base do governo de centro-esquerda quando este estava no poder, e, na impossibilidade de se cumprir a um nível satisfatório promessas como a de reforma agrária, a CNT impulsionava levantes contra o governo, como é o caso do episódio de *Casas Viejas*, em que houve um levante num pequeno vilarejo feito por anarquistas e que a repressão por parte do governo republicano foi forte e o episódio acabou com uma série de mortos, e ficou marcado na memória do povo espanhol por muito tempo. Claro que não foram os socialistas que foram agentes da repressão, só estava do lado do governo.

Antes do dealbar da guerra civil, mesmo os conflitos podendo não fazer sentido para alguns, por causa de os objetivos finalistas serem os mesmos, ou seja, acabar com o capitalismo e gerir a sociedade de maneira coletiva, após o começo da guerra civil o conflito se faz ainda menos lógico. Na iminência de uma derrota e consecutiva dominação da sociedade por parte dos fascistas, a aliança e unidade entre as duas grandes centrais sindicais revolucionárias eram extremamente necessárias. E isso era claro para os dois lados, como nos mostra esse trecho de *Gerona CNT*:

No me explico por qué há despertado tantas suspicacias y recelos el pacto de Alianza CNT-UGT. No me lo explico, porque, mientras no se demuestre lo contrario, hemos de creer a todos los Partidos y Organizaciones em lucha contra el fascismo interesados en que esta lucha termine pronto con la victoria, y con la afirmación de la capacidad constructiva de las massas obreras, que en España han dado la batalla a la militarada y que en el mundo han de terminar con la tiranía de los Estados totalitarios.³⁹

Mesmo com essa consciência, a aliança não era fácil de manter. Quase um ano depois do início da guerra civil, um incidente ganhou grandes proporções na cidade de Barcelona. Em abril de 1937, houve a tentativa de tomada da telefonia por parte dos comunistas e socialistas. A telefonia era coletivizada e estava em mãos dos anarquistas da CNT, que podiam ouvir as conversas do governo de Madri e de Barcelona. Um comissário comunista chegou à Telefónica com três caminhões cheios de guardas de assalto, que renderam as sentinelas, mas foram detidos por uma rajada de metralhadoras

³⁹ Gerona CNT. Gerona, Jueves, 19 agosto 1937. Año 1. Núm. 64.

disparada do andar de cima pelos anarquistas. Esse episódio chegou rapidamente aos militantes de toda a cidade e barricadas se armaram por vários bairros operários. Segundo Beevor, foi “uma guerra civil dentro da guerra civil”⁴⁰. Pessoas importantes dos dois lados foram mortas, como o secretário-geral da UGT da Catalunha, Antonio Sesé, e o intelectual anarquista italiano Camilo Berneri.

Apesar de ser o foco da presente pesquisa, os confrontos internos da aliança antifascista não tiveram suas causas apenas internas à Espanha. Segundo Antony Beevor⁴¹, que tem um dos trabalhos de grande importância sobre a Guerra Civil Espanhola, a atuação política desagregadora do Partido Comunista espanhol vem de ordens do próprio Stálin, que defendia a república parlamentar burguesa para a Espanha não ser vista como comunista perante o resto do mundo, pois isso minaria sua política externa de aliança com as repúblicas da Inglaterra e da França. Stálin mandara representantes russos para a Espanha afim de centralizar o poder nas mãos do Partido Comunista espanhol e forjar um exército com comando único, coisa que os anarquistas não aceitaram, por defenderem a milícia como a alma da guerra e da revolução, por sua estrutura diferente da militar, sem seu autoritarismo e hierarquia. O PC espanhol, que antes da guerra civil tinha um número muito pequeno de membros e que nos princípios de 1937 começou a aumentar muito esse número⁴², começou a se infiltrar no exército regular e nos cargos de governo, assim como fazia pressão ao velho sindicalista e líder do Partido Socialista, Largo Caballero, para que se fundissem os partidos. Segundo Gabriel Jackson, os comunistas tinham-se colocado contra as coletividades, e a favor da pequena propriedade burguesa⁴³.

Apesar das divergências com os socialistas, que tinham suas rivalidades, mas conseguiam construir minimamente, o que pegava mesmo eram os conflitos com os comunistas stalinistas, por causa de suas políticas de infiltração e outros métodos que os anarquistas achavam condenáveis.

No periódico estudado, temos denúncias de manobras e sabotagem do movimento por parte do PC espanhol, como nos mostra a edição de 15/08/37, em um momento em que se tentava construir a aliança CNT – UGT através dos Comitês de

⁴⁰ BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2007. P. 374.

⁴¹ BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2007

⁴² JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973 p. 86.

⁴³ Idem. P.87

Enlace. Esses comitês, segundo o *Gerona CNT*, foram criados com o objetivo de desamarrar as travas no movimento, resolvendo desentendimentos cotidianos, muitas vezes gerados por indivíduos mal-intencionados, que às vezes travam mais do que as doutrinas. Tinham o objetivo de reforçar a aliança, pensando ações conjuntas. Na mesma edição em que ocorre a explicação dos comitês, já há uma denúncia política em relação ao PC:

El Comité Nacional de la CNT convocó el día 1 de julio a una reunión a todos los partidos y organizaciones antifascistas. Sometió a consideración de los mismos la situación grave que se atravesaba y la necesidad de formar un fuerte bloque que acogiera a todos los partidos y organizaciones antifascistas, elaborando comunmente un programa que trazara la línea política y militar para ganar lo antes posible la guerra. Todos los partidos y organizaciones – con excepción del socialista que no asistió -, incluso el comunista, aceptaron y glosaron la sugerencia, reconociendo la necesidad. Todos convinieron en discutir el programa elaborado por la CNT y reunimos ocho días después para elaborar el programa común. El día 9 tuvo lugar la segunda reunión, y tuvo que suspenderse porque el partido comunista mandó una carta diciendo que no asistía a la reunión ni discutía el programa “por tratarse de una maniobra contra el Frente Popular”.

Dessa maneira se frustró la posibilidad de formar el frente antifascista, con un programa claro y preciso para ganar la guerra.⁴⁴

Isso que os comunistas tinham lançado nota pública alguns dias antes, através do periódico “Frente Rojo”, que estariam dispostos a formar um programa comum com os camaradas anarquistas. Nesse sentido, o *Gerona CNT* pede coerência entre seus discursos e suas ações.

No dia 18/08, o periódico divulga nota do Comitê da CNT advertindo o Comitê Central do PC que chegará à ruptura de relações, se não houver uma retificação num artigo do *Frente Rojo*, apesar do secretario achar que pode haver solução mais viável. No dia 24/08, o PC chama a CNT para uma concórdia, através de uma carta em que diz que apesar dos pequenos incidentes políticos e discrepâncias ideológicas, com trocas de cartas, e com o aviso de rompimento da CNT do dia 14, o PC está disposto a uma união e acordo. No dia 03/09, mais uma denúncia: o comitê de enlace dos partidos socialista e

⁴⁴ Gerona CNT. 15 agosto 1937. Año 1. Núm. 61

comunista mandou carta a UGT para chamarem juntos as internacionais obreiras. A UGT fez reunião extraordinária e ia reunir com a internacional sindical e a socialista, mas no dia seguinte Frente Rojo publicou um ataque falando que eles eram os responsáveis pelos fracassos da classe trabalhadora. Não tece como mais firmar o documento e devolveram a carta. Dia 04/09, mais uma manobra do PC divulgada pelo periódico: a CNT recebeu cordialmente um membro do PC para uma reunião, e os explicou da impossibilidade da aliança a nível regional por causa dos inúmeros problemas a nível nacional, enquanto isso, membros do PC publicaram no periódico “Mundo Obrero” a mesma carta que tinham mandado ao secretariado da CNT, transformando a lealdade deste em tática política. Vemos que há uma seqüência de manobras políticas denunciadas pelo *Gerona CNT*, que vão minando e desgastando as relações entre as organizações, fazendo a unidade algo cada vez mais difícil.

Isso que na primavera de 1937, tinha saído publicamente a denúncia das prisões secretas da NKVD, polícia política secreta comunista, em que eram mandados anarquistas, socialistas e até republicanos, que muitas vezes eram torturados e executados. Essa polícia comunista e a milícia anarquista chegaram a se enfrentar em Madri. Ao mesmo tempo, começava a se criar um racha dentro da CNT por causa da questão da colaboração governamental, em que membros dessa central sindical passaram a ter cargos no ministério. A CNT começava a perder influência e poder. Foi nessa época que o episódio da telefônica aconteceu, pois os comunistas, entre outros motivos, queriam revidar a denúncia das prisões.

Após isso, deu-se também uma campanha de mentiras levadas a cabo pelos stalinistas, que inventavam conspirações e ligações entre trotskistas e nacionalistas, para atacar o POUM, partido marxista que era o maior aliado da CNT.⁴⁵

As denúncias por parte dos anarquistas, tanto no *Gerona CNT* quanto em outros órgãos, e inclusive por anarquistas que irão escrever depois da guerra civil espanhola, como Rudolph Rocker e Diego Abad de Santillán, são corroborados pela historiografia, tanto por Antony Beevor quanto por Gabriel Jackson, que afirma que quando o PC foi começar a crescer, a grande maioria dos trabalhadores já estavam organizados, sobrando a ele apenas membros da pequena burguesia ou até mesmo da burguesia, como comerciantes e latifundiários, estes muitas vezes não contendo os mesmos interesses revolucionários dos trabalhadores organizados nos sindicatos.

⁴⁵ BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2007. P. 381.

Tanto o é, que em 15/10/37 o periódico trabalhado publica um artigo em favor da depuração em partidos e organizações, ressaltando que até mesmo um órgão do PC entrou na campanha para depurar e expulsar os membros infiltrados e indesejados das organizações. Ressalta a falta de responsabilidade de alguns partidos terem abrigado em suas organizações setores reacionários a anti-operários do país, e que em julho passado (07/37) se sabia quantos afiliados tinham cada organização de esquerda no país, e o PC que não tinha um número relevantes de membros de repente começou a anunciar que era a organização mais numerosa, com militantes na vanguarda e na retaguarda. Critica o bando de “neófitos” que vão buscando autoridade no antifascismo sem se preocupar com o caráter essencial do partido:

Por eso celebramos que este hecho implícitamente sea reconocido. Vamos a depurar las filas antifascistas de tibios, de emboscados, de traidores, de quienes del carnet político o sindical estan haciendo arma de traición de provocación y de espionaje. Ninguna organización está libre de haber sido sorprendida en su buena fe. Es cierto. Pero organizaciones que hayan abierto sus puertas sin mayores miramientos de seguridad antifascista, sólo ha habido una. Nos complacemos en señalar su cambio de táctica.⁴⁶

Podemos ver que de forma muito madura a CNT tentou lidar com essa situação, em que não poderia comprometer a unidade da luta antifascista rechaçando o PC e podendo assim piorar a relação com as outras organizações, ao mesmo tempo em que procurava solucionar o problema de elementos com interesses que não os antifascistas entrassem nas organizações e as desintegrassem por dentro.

Porém, o *Gerona CNT* não se prende apenas às práticas das organizações para fazer suas críticas. Também procura debater concepções de movimento, colocando suas visões sobre modos de atuação, e mostrando o que acha errôneo e prejudicial por parte das outras organizações, procurando desenvolver o debate e marcar posições. Como podemos ver na seqüência de comentários nos meses de setembro e outubro de 1937, em que se critica a união dos partidos socialista e comunista num partido único, e que tem resultados na central sindical irmã, a UGT.

Começa com a edição do dia 09/09, do artigo nomeado “Partido Único ou colonização?”, em que houve a fusão de partidos e a frente única virou partido único.

⁴⁶ Gerona CNT. 15 Octubre 1937. Año 1. Núm. 113.

Para o periódico, a minoria mais ínfima do ambiente político-social espanhol se diz “único”, e nessa história quem se dá mal é o afiliado e o proletariado em geral. Em seguida cita experiências em que centrais sindicais ao invés de se unirem, se dividiram, e inclusive criaram lutas intestinas em outros países, como a Argentina.

No dia 11/09 reproduzem em suas páginas a carta anônima de um velho militante da UGT, em que relembra com saudade dos velhos tempos da central sindical, e fala com dor dos novos tempos, em que os velhos militantes não valem mais nada, os que defendem o idealismo de Caballero e sua turma. Para ele, os novos, invasores, não toleram nada diferente de seu imperativo, para eles o comitê regional não foi um posto de combate para a emancipação proletária, mas uma trincheira de discórdia. Chegaram sedentos por cargos, e começaram a haver expulsões e eliminações dos velhos, que eram testemunhas dessas transformações. Enquanto Largo Caballero construía a luta antifascista, os novos usam a sindical como trampolim comunista.

Apesar de comemorar em 15/09 a realidade da aliança entre as sindicais, com a realização do primeiro congresso sidero-metalúrgico, que foi um sucesso, em 22/09 critica a tentativa de supremacia de partido por parte do PSUC como um erro tático. Fica claro, então, que ao mesmo tempo que havia um movimento de construção de aliança pelas centrais sindicais, a UGT entrava num processo de fragilidade, tal qual a CNT entrara alguns meses antes, e rachas começam a acontecer.

Ainda sobre problemas internos à UGT,

En nombre de la unidad, tan cacareada por cierto sector, no ha muchos días en cierto pueblo del litoral, se han escindido dos Sindicatos, únicamente por el prurito de contar también con Sindicatos, aunque estos se compongan de once y dieciocho afiliados, respectivamente. Claro es que no tiene importancia, ni por la calidad ni por el número de afiliados, pero el mal ya han hecho en torno a la unidad tan llevada y traída por los del “Partido de los mejores”.⁴⁷

Na edição do dia 22/10, conflitos internos à UGT levam a uma reflexão do *Solidaridad Obrera*, principal órgão da CNT, que é reproduzido na íntegra pelo *Gerona CNT*, sobre a independência dos sindicatos frente aos partidos. O artigo reflete: sempre se fala de tal ou qual organização operária estar submetidos a algum partido ou partidos brigando pela hegemonia dentro do sindicato. O resultado é sempre o mesmo: perda da

⁴⁷ Gerona CNT. 15 Octubre 1937. Año 1. Núm. 113.

independência do sindicato ou declínio da sua missão fundamental de emancipação do proletariado. A maior parte das lutas intestinas vem desse conceito de que o sindicato tem alcance limitado e é menor de idade. Seu problema imediato, na realidade, é a passividade frente a problemas fundamentais do proletariado, que são deixados para outros resolverem, estes nem sempre com interesses coincidentes com os do proletariado. Assim, toda divergência dentro do partido passa ao sindicato, numa luta pela sua direção. Se o problema vem de fora do sindicato, é bem mais difícil remediá-lo. Isso não quer dizer que não deve haver militantes de partido dentro dos sindicatos, é importante que tenha, mas que respeitem a liberdade de determinação dos operários organizados. A relação da CNT com a FAI é de respeito e colaboração. Isso é um claro reflexo da fusão dos partidos socialista e comunista, em que as duas tendências começaram a brigar pela direção do partido e do sindicato, e isso causou os rachas no movimento.

As divergências e polêmicas entre a esquerda também permeiam outras questões, fundamentalmente importantes, e já consagradas na historiografia, corroboradas por nossas fontes. A questão da guerra e revolução serem inseparáveis para os anarquistas e não o ser para os socialistas e comunistas gerou vários conflitos, pois dessa interpretação viria a ação, por parte dos anarquistas (depois a UGT se juntou também), de coletivizar diretamente as terras e as fábricas, mesmo no contexto de uma guerra civil, pois se deveria acabar com a propriedade privada para acabar com a miséria. Os comunistas e socialistas muitas vezes se colocavam contra essas coletivizações, que era a revolução social sendo promovida pela CNT. Outra questão fundamental é a das milícias, organismos horizontais de combate, julgados pelos anarquistas como o coração da luta antifascista. Quando Stálin passou a intervir, fez homens seus se infiltrarem no exército regular e forçou um desarmamento das milícias, pois tudo deveria estar sob comando de seu “Exército Popular”.

Nesse sentido, as fontes analisadas ajudam a responder a essas questões pelo viés explicativo anarquista, que representa uma visão política, de um setor da classe operária desse determinado momento histórico, não tendo essa pesquisa pretensões de explicações totalizantes a essas respostas. Nem mesmo busca colocar o anarquismo do período como perfeito e isento de erros. Sabemos que houve desvios sindicais e a polêmica sobre a participação governamental que enfraqueceu a CNT, entre outros diversos erros, que aconteceram mas não são o foco dessa pesquisa, até porque as

fontes, voltadas para os militantes e com um sentido de agregar forças para a luta, não poderia fazer publicamente críticas internas, que causariam polêmicas e contribuiria para desagregar a central sindical.

Segundo Pierre Ansart, um conflito se desenvolve necessariamente num conflito de linguagens, que servem para legitimar ação e manter o moral dos exércitos. A vida política se desenvolve permanentemente no plano das ações e no plano da linguagem e a produção ideológica não cessa de acompanhar o conjunto dos empreendimentos, das tentativas e das decisões.

Para o autor, a história intelectual das idéias tende a isolar as expressões mais elaboradas, e guardar apenas as obras dos melhores teóricos e a rejeitar as múltiplas manipulações constantemente operadas pelos homens de Estado ou pelos propagandistas. Na realidade cotidiana da vida política, no trabalho de persuasão, são as múltiplas manipulações que importam e que participam diretamente da ação.⁴⁸ A inter-relação entre produção abstrata e prática da propaganda que é importante e eficaz: a teoria é ineficaz se não for divulgada e, inversamente, a propaganda só é eficaz na medida em que propaga mensagens adaptadas e inteligíveis.

Ainda segundo Ansart, “Uma ideologia política se propõe designar em traços gerais o verdadeiro sentido dos atos coletivos, traçar o modelo da sociedade legítima e de sua organização, indicar simultaneamente os legítimos detentores da autoridade, os fins que se deve propor à comunidade e os meios de alcançá-los.”⁴⁹ O problema é os limites de sua jurisdição, pois há um conflito permanente pelo direito à produção dos bens de significado. Cada ideologia constrói um esquema temporal com significados, as relações com passado e com futuro e os símbolos. Para ele a ideologia política é um tipo de imaginário social, que seria um conjunto coordenado de representações, através do qual a sociedade se reproduz, e designa o grupo a ele próprio (identidades, papéis, necessidades e fins). A ideologia renova a função do mito e da religião, pois propõe a identificação dos indivíduos e deve garantir consenso social através de um modelo. Para ele, a ideologia política é a mais favorável à expressão e intensificação dos conflitos sociais.⁵⁰

⁴⁸ ANSART, Pierre. **Ideologias, Conflitos e Poder**. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1978. P. 16.

⁴⁹ Idem, p. 36.

⁵⁰ Idem, p. 44.

O periódico *Gerona CNT* é um veículo de transmissão e difusão da ideologia política anarquista, pela propaganda e pela teoria, que intervém na realidade e elabora sua linguagem acompanhando o conjunto dos empreendimentos. Nas relações entre passado e futuro têm bastante significado o 19 de julho, dia em que os trabalhadores se levantaram contra o levante fascista e começaram a pôr em prática uma revolução social. Esse dia é sempre lembrado em várias edições do periódico e com muito orgulho, como algo que dá motivo aos militantes anarquistas seguirem seus empreendimentos de guerra e revolução. As coletividades também têm o significado simbólico de ter seu modelo de sociedade sendo colocado em prática pelos meios que julgam corretos, e que podem trazer um futuro de seus fins esperados, o Comunismo Libertário.

Gerona CNT mostra pelo viés anarquista algumas divergências entre as ideologias políticas antifascistas, por exemplo, o fato de que os anarquistas buscam a coerência entre os meios e os fins, construindo já nessa sociedade a forma como se quer a sociedade futura, com ética e liberdade, enquanto faz a crítica dos stalinistas não terem esse princípio, que para chegar aos fins desejados podem ser empregados qualquer tipo de meios, inclusive meios antiéticos e danosos para o movimento, como a infiltração de membros do partido em posições estratégicas das burocracias de várias instituições da sociedade, inclusive no seio do próprio movimento antifascista, para freá-lo devido aos seus intuitos de política externa russa, que mantém aliança com potências republicanas burguesas, como a Inglaterra e a França.

Esse conjunto de fatores que formam uma ideologia política se choca com as outras ideologias, principalmente no que se refere aos meios para se chegar aos fins desejados, aliados a uma conjuntura extremamente conturbada, em que se tem uma possibilidade de revolução social ao mesmo tempo do desenrolar de uma guerra civil, em que os fascistas além de fazerem as frentes de luta, conseguem bombardear diversas cidades da zona de esquerda. Esse choque em busca de um consenso social tem seus resultados nos conflitos sociais dentro do próprio bloco antifascista.

CONCLUSÃO

O anseio por uma sociedade melhor movimenta homens há muito tempo, e talvez essa paixão por colocar em prática o que se acredita pode resultar em não se considerar o outro, e às vezes isso resulta em conflitos, que por sua vez podem ser mais ou menos violentos, mesmo entre indivíduos ou grupos que em determinado momento deveriam cooperar entre si, rumo a um objetivo em comum. A Guerra Civil Espanhola é um exemplo disso, mas também é um exemplo de falcatrua e sabotagem. A política também tem bastante disso, infelizmente.

Através dessa pesquisa, pudemos obter resultados sobre a vida política cotidiana no ano de 1937, reflexos práticos das ideologias políticas que cada grupo sustentava e que em dado momento suas divergências ficaram insustentáveis. Nossas fontes mostram a crítica anarquista às práticas políticas socialistas e comunistas, como as estratégias de partido único, e o aparelhamento político de sindicatos por parte de partidos políticos. Também pudemos perceber os reflexos de políticas externas ao movimento influenciarem o jogo político, como o Partido Comunista espanhol entrar no seio do movimento operário para tocar interesses contrários a este, por conta do jogo da política externa da URSS, Stálin à frente. Não só isso, as puras diferenças de concepções estratégicas, como a simultaneidade da guerra e da revolução, causavam conflitos internos ao movimento.

É claro que isso foi apenas uma das causas da perda para Franco na Guerra Civil Espanhola, que culminou em décadas de ditadura no país. Aliados a isso, temos a omissão deliberada das potências republicanas, com destaque para Inglaterra e França, além da quebra do pacto de não-intervenção por parte de Hitler e Mussolini, com a conivência dos outros países. A falta de armamentos foi uma questão chave para o fracasso dos revolucionários na guerra.

Os anarquistas também sabem sua parcela de culpa, como alguns desvios sindicais, e a participação governamental gerando rachas internos e enfraquecendo sua central sindical. Essas questões não aparecem nas fontes utilizadas, pois estava num momento de guerra, e o jornais, dirigidos aos militantes, não poderiam se dar ao luxo de alimentar polêmicas internas naquele ano crucial de 1937.

Um ambiente muito conturbado e grande efervescência política. Emoções à flor da pele. Muitos conflitos e mortes. Esse é o triste saldo da Guerra Civil Espanhola. Mas

não é só isso, ela deixou também esperança. Durante um breve período de tempo, digamos alguns meses, os trabalhadores de certas regiões da Espanha puderam experimentar espaços de liberdade e igualdade, conseguindo por algum momento escapar do jugo daqueles que os oprimiam, e isso dá esperanças para as possíveis construções coletivas dos homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. **Ideologias, Conflitos e Poder**. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1978

BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário/Ícone 2003

BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2007

BERTHIER, René. **Concepções anarco-sindicalistas de autogestão**. In: Autogestão e Anarquismo. Editora Imaginário. SP: 2005

CNT. **A Guerra Civil Espanhola nos Documentos Libertários**. Editora Imaginário. São Paulo, 1999. Cap. 2 – Os primeiros dias da Revolução

JACKSON, Gabriel. **A república espanhola e a Guerra Civil 1931-1939**. Vol. II. Editora Europa-América, 1973

KROPOTKIN, P. **O princípio anarquista e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007

MALATESTA, Errico. A Organização II. *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Hedra, 2008

MINTZ, Frank. **O Anarquismo Social**. Editora Imaginário, 2005

PEIRATS, José. **La CNT em La Revolución Española**. Tomo I. Cali – Colombia. A. A. La Cuchila, 1988

SAMIS, Alexandre. **Polêmicas no interior da Primeira Internacional**. In: http://www.cabn.libertar.org/wp-content/uploads/2012/02/Alexandre_Samis_-_POL%C3%80MICAS_NO_INTERIOR_DA_PRIMEIRA_INTERNACIONAL.pdf
Acessado em: 12/12/13. P. 2.

THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola**. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964

WALTER, Nocilas. **O que é anarquismo?** Editora Faísca, 2009

C. N. T. + U. G. T. = U. H. P.

ORGANO CONFEDERAL DE LA 2ª REGION

DIARIO DE LA MAÑANA GERONA, DOMI'GO, 15 AGOSTO 1937 AÑO I NÚM. 61

HAY QUE SUBTEGER EL PACTO DE ALIANZA C. N. T. - U. G. T.

Se habla mucho de la alianza C. N. T. - U. G. T. y se dice que el proletariado se puede separar de la dirección y del control, y así se le resaca, se le desmenuza y se le desmenuza. Pero en la vida del proletariado, no se trata de separar, se trata de unir. Se trata de unir a los que se separan, de unir a los que se desmenuzan, de unir a los que se desmenuzan. Se trata de unir a los que se desmenuzan, de unir a los que se desmenuzan. Se trata de unir a los que se desmenuzan, de unir a los que se desmenuzan.

COMPANEROS



No olvidéis a los caídos en la lucha. Ayudad a los Hospitales de Sangre.

GALLARDETE AL VIENTO

El campesino Placido Rovira, siempre hay que decirlo, es un hombre de bien. Su vida ha sido una vida de lucha y de sacrificio. Su vida ha sido una vida de lucha y de sacrificio. Su vida ha sido una vida de lucha y de sacrificio.

[Hechos!... No palabras!]

"¡Hechos!... No palabras!" Este es el lema que debe guiar a todos los revolucionarios. No se trata de hablar, se trata de actuar. No se trata de decir, se trata de hacer. No se trata de prometer, se trata de cumplir. No se trata de esperar, se trata de luchar. No se trata de esperar, se trata de luchar. No se trata de esperar, se trata de luchar.

EL MILAGRO DE HOYCAUN AYO

El milagro de Hoycaun Ayo es un hecho que no puede ser explicado por la ciencia. Es un hecho que no puede ser explicado por la ciencia. Es un hecho que no puede ser explicado por la ciencia. Es un hecho que no puede ser explicado por la ciencia.

Lo que ocurre en nuestro Matadero

En el matadero de Girona, se está haciendo un trabajo muy importante. Se está haciendo un trabajo muy importante. Se está haciendo un trabajo muy importante. Se está haciendo un trabajo muy importante.

La obsesión centralizadora contra el régimen autónomo de los pueblos

La obsesión centralizadora es una enfermedad que afecta a todos los pueblos. Es una enfermedad que afecta a todos los pueblos. Es una enfermedad que afecta a todos los pueblos. Es una enfermedad que afecta a todos los pueblos.

No se permitirá una clase de ataques periodísticos a la U. R. S. S.

No se permitirá una clase de ataques periodísticos a la U. R. S. S. No se permitirá una clase de ataques periodísticos a la U. R. S. S. No se permitirá una clase de ataques periodísticos a la U. R. S. S.

IAS PIRATERIAS FASCISTAS

Las piraterías fascistas son un crimen que no puede ser tolerado. Son un crimen que no puede ser tolerado. Son un crimen que no puede ser tolerado. Son un crimen que no puede ser tolerado.

GERONA C. N. T.

portantveu confederal de la 2ª regió

REDACCION, ADMINISTRACION
e IMPRENTA
GRAN VÍA JAIME I, 54
Teléfono 506 y 507
PRECIOS DE SUSCRIPCION:
Gerona, en una . . . 3.— postal
Número suelto 15 céntimos

Partido Unico del Proleta- Radio Prensa riado o colonización internacional

El tan cacareado frente único, ha metamorfoseado en Partido único. El primero nació en el vacío, a pesar de sus alaridos clamorosos. El segundo está en sus débiles cimientos y ya no preciosa su muerte ni su interés; pero eso sí, asegura, como decía el uterocinético Poincaré, que el agua y el fuego no se pueden casar, retirándose a una mansión política en la Cámara francesa. Y podría tener por seguro que si el marriage se consuma, que el agua se evaporaría y el fuego después de su capotón quedaría completamente extinguido.

Podría concebir que la parte más moderada de socialismo español, que desera por dignidad por evolución histórica, haber formado cuerpo aparte, cual en Inglaterra los Snowden, Henderson, Mac Donald, y en Francia Renaudel, Marquet y otros en su seno Socialismo ya que la interpretación del marxismo es idéntica y difiere en el fundamento con la interpretación y técnica del Partido Comunista, con todas las consignas únicas.

No, no es posible, y esto solo es imaginable en una mente maquiavélica con un fin perseguido. Pero el caso se complica cuando conociendo los aires, su psicología, capacidad intelectual e histórica y este dicho con toda imparcialidad, son más astutas e inteligentes (con creencia) y no menos maquiavélicas (de lo que podría decirse sobre el camarada Largo Caballero) se deje mantener, substraer, engañar, cuando yo estoy seguro, que ellos, lo saben que se les engaña y se empeñan en seguir por el camino resbaladizo del golpe marxista. Por que ¿quién sangría a quien? Yo conozco a uno que sabe regamente marchar enagado. Claro está, el de siempre, el de buena fe, el afilado.

Por que después por seguir, ni día del congreso de fusión al estado yo estoy seguro, se producirá la primera escisión y el resto del cuerpo formado de tal manera haría, que solo a fuerza de reflexiones, discusiones, polemicas, artículos inflamables de paternidad excoherente las grietas, que cada día, por la obligatoria necesidad de la convulsión, vayan creciendo más y más, hasta que un día, ante el momento de total ruptura el cuerpo caiga y se desmenuce en mil pedruzcos. Cuando se se convierta en un caso de antropología y el uno se desee al otro.

Los señores y camaradas del partido único pueden leer. Lo que es desgraciado es la agregación del Proletariado, y debería cesar (por la ley) por inutilidad de un derecho que los proletarios, no hemos adquirido voluntariamente sino que nos lo imponen. Y si no, que nos imponga otro nombre, por ejemplo, el que queran.

Pero que vanadas las fuerzas a simple objetividad, son las, minorías más firmes del ambiente político-social español, las que se permiten denominarse "única del proletariado". Al no ser que "hayan inventado los valores. Nos otros los trabajadores, deberemos haberlos trocado en..."

Mas estudiamos en la experiencia. He convivido en ciertos países, donde existía, en mayor o menor escala aquellos de Frente Unico, y vi, como, centrales sindicales en vez de uniones se dividieron. La F.O.R.A. en la Argentina después de sufrir infinidad de asaltos por la república de la burguesía cosmopolita de dicho país, y tener sus mejores momentos en las industrias explotadas de la leopolditaria tierra para el idealista, vi, como estos dignos militantes del proletariado, eran colonizados, ultrajada su dignidad por los voceros del "único".

Esta política organizativa partió una parte de su fuerza en los países del Frente Unico. En Inglaterra y en U. S. A. y otros países, se constituyeron nuevas organizaciones tanto políticas como sindicales, bajo el nombre de Frente Unico, y ello nos llevó a un guetazo tal que la lucha social se convirtió entre proletariado más que contra la burguesía.

La última experiencia, la fué socialista en el viejo país de Francia, está creando una línea insostenible no solamente en los asuntos obreros de dicha central por el acaparamiento de los recursos. Sino que dentro de los mismos sindicatos se ha logrado a un estado de tiranía tal, que varios militantes como Bolla y el mismo secretario general Joubert han tenido que huir, "los sindicatos contra los colonizadores".

Que la fuerza política en España, tenga más suerte en su vida continental, pero como dicen anteriormente. El agua y el fuego no se pueden casar. PUENTE Gerona, sábado, septiembre 1937

CONFERENCIAS COMENTADAS

Con el Presidente Companys, han estado reunidos largo rato el ministro Aguadé y el consejero Tarradellas

Barcelona, 5. — A las doce y media llegó a la Generalidad el presidente de las Cortes, señor Martínez Barrio, el cual pasó a la Presidencia, con objeto de entrevistarse con el señor Companys. Al cabo de un gran rato de conversación, a las 1.30, retiróse al despacho presidencial el ministro de Trabajo, doctor Aguadé. Después de las diez, salió de su despacho el consejero Tarradellas, dirigiéndose a la Presidencia. Al pasar por la puerta pórtica le preguntaron si había en la Presidencia alguna reunión. El señor Tarradellas se limitó a decirnos, sin detenerse, que le habían llamado y que allí iba. A las 2.30 salió de la Presidencia el señor Martínez Barrio, que fue acompañado hasta su vivienda por el Presidente señor Companys; el ministro doctor Aguadé y el consejero señor Tarradellas. Ante de salir al coche fue rodeado por los periodistas y preguntado de las Cortes, manifestando des-

de a los informados que, estaba aquí casualmente y que, como es natural, había ido a complacer al Presidente Companys, se entregó amigo.

Constatando a otras preguntas que se le hicieron, dijo que su viaje no tenía carácter alguno oficial; que había venido con su esposa, y que regresará mañana mismo a Vilanova. Mientras los periodistas estaban conversando con el señor Martínez Barrio, el presidente Companys subió al otro extremo de la casa y no mucho tiempo a los informados de que se preguntaba sobre el alcance de la larga entrevista que había celebrado con el señor Martínez Barrio y a la que asistieron también el doctor Aguadé y el señor Tarradellas. Ante le preguntaron si podía decirnos algo de la conversación sostenida con el Presidente de las Cortes. El consejero de Hacienda se abstuvo de hacer manifestaciones.

El ministro de Italia en Budapest ha estado un mes y medio a guisa de delegado del reconocimiento del imperio italiano por parte de la pequeña Entente; pero Antonino, presidente de la conferencia de los tres países que la componen, ha declarado al término las acciones celebradas en Suabia, la amistad profunda que las une a Francia, añadiendo que no tenía que recordarlo lo que la justicia. No es solamente el hecho que su influencia en el mundo que el servicio de la paz, de la justicia, internacional y del derecho de los pueblos a disponer de sí mismos. Es también porque es justo, la concepción del mundo que le es propia, está hoy, como ayer, muy cerca de nosotros. Las alturas espirituales que con un, nada podría abarcarlo a distancia. Por su parte, estamos tranquilos de que no habrá reconocimiento imperial nuestra Francia ni su guerra.

Una nueva crisis se anticipa en Dantzig, donde a consecuencia de un acto de brutalidad de la policía alemana, el gobierno de Varsovia acaba de enviar un ultimatum a las autoridades nazis de la ciudad libre.

El gobierno polaco amenaza con recurrir a medidas de represalia si los actos de brutalidad de que son víctimas los trabajadores polacos no cesan inmediatamente. La huelga de los que se ocupa el gobierno de Varsovia son los siguientes: armados con revólveres, los agentes de la Gestapo hacen operaciones en las casas de los obreros polacos y no cesan de hacer levantar de la cama a las señoras de la mañana, a los niños para llevarlos a la escuela alemana. Los padres que se negan a ello son detenidos.

La política que continúa en "estatización" a la población polaca se prosigue con vigor a pesar del acuerdo de enero último, acuerdo establecido entre el gobierno polaco y el Senado de Dantzig, el cual garantiza a la población de Dantzig sus derechos políticos y culturales.

Ha quedado sin efecto una primera protesta y Ginebra, presidente del Senado, se ha comportado como si no la hubiera recibido, por cuyo motivo la segunda protesta ha tomado la forma de un ultimatum.

El conflicto alemán se agravase, por lo cual los gobiernos francés y británico han pedido a su representante diplomático de hacer inmediatamente un informe.

Por su parte, Ginebra, presidente del Senado de Dantzig, había ido a Berlín para discutir la situación con los jefes nazis.

El secretario de la dirección superior de las S. A. Jueves de aquí Alemania publica una información sobre el plan central en la forma de Alemania que dice así: "Hemos comprobado que durante este año el plan central en las minas, entró en acción al tiempo del capataz, cosa indigna que contrasta con los principios del nacional-socialismo. La explotación es tan baja que se ha formado como índice mínimo de producción individual, lo que antes constituía la máxima producción de los mejores obreros, sobre todo durante el año 1933 que únicamente trabajaron los más capacitados. Actualmente a los obreros que por incapacidad física no pueden obtener el rendimiento exigido, se les considera como subalternos. Se ha abandonado tal punto del nuevo plan que en una mina de carbón se ha llegado a rebajar el salario a los trabajadores que no logran a producir el doble del mínimo establecido".

Los teléfonos de "GERONA C. N. T." son: 506 y 507

DEL DICHO AL HECHO... Los detenidos actualmente por causas diversas sobre hechos revolucionarios — ha dicho Vidiella, consejero de Trabajo — deben ser puestos inmediatamente en libertad

Barcelona, 5. — El camarada Vidiella ha recibido a una comisión de familiares de detenidos acusados de haber intervenido en los hechos revolucionarios desahucios del alzamiento militar del 19 de mayo de 1936.

Rafael Vidiella, hablando con los comisionados, les dijo que presentaría, en el último Consejo de la Generalidad, celebrado antes que planté este hecho y sostuvo la tesis que los jueces no pueden admitir las denuncias que se formula sobre hechos de carácter revolucionario acusados con motivo del momento presociedad, los generales facciosos ya que de efectuarlo así sería como preparar la propia revolución.

deben aceptar denuncias de esta índole que que tampoco no deben aceptarse cuando provienen de individuos a los cuales se ha reconocido el pleo o la casa, o bien las tierras, por ser conceptos jurídicos, o por haberlos abandonado ellos mismos. Los jueces únicamente deben admitir las denuncias concretas sobre todo aquellos individuos que en lugar de obrar revolucionariamente lo hacen efectuando en un sentido de lucro, o bien que hayan aprovechado los hechos revolucionarios para eliminar enemigos personales, o por un afán de lucro de robo.

Esta tesis — pronunciada durante Rafael Vidiella a los comisionados — fué aceptada por unanimidad por el Consejo de la Generalidad, lo que quiere decir que los detenidos actualmente por causas diversas sobre los hechos revolucionarios deben ser puestos inmediatamente en libertad. Asimismo en su acuerdo los jueces ordenaron de otros casos denunciados de esta clase.

La Generalidad dicta disposiciones encaminadas a la restricción del consumo de la gasolina

Barcelona, 5. — La Dirección General de Transportes ha publicado una zona donde constará de la orden dictada por el gobierno de la República imponiendo restricciones en el consumo de gasolina.

En Cataluña se autorizará que se abra la circulación de un número reducido de vehículos oficiales que abarca las autoridades siguientes:

Presidente de la Generalidad, con sujeción de su Gobierno; Presidente del Parlamento catalán, subsecretarios y directores generales de los respectivos Departamentos, Presidentes del Tribunal de Casación y Audiencia, y Presidente del Consejo de Economía. Aparte de estos vehículos no se autorizará por la Dirección General de Transportes, la circulación de ningún otro, que no se autoriza que se trate de un servicio urgente e indispensable. Los permisos capitales serán concedidos a nombre de la persona del Departamento oficial que correspondiera, a fin de que según particular pueda usufructuarse.

Se permitirá tan sólo la circulación de aquellos camiones que en virtud de su documentación registramiento, se constatare que dichos servicios de aprovisionamiento o industria, son absolutamente indispensables. Estas autorizaciones serán otorgadas, caso por caso, por el director general de Transportes.

A partir de esta fecha se procederá también a una revisión de las actuales zonas de autonomía, de Cataluña, con objeto de dejar bien definidas las zonas, haciendo efectiva el cumplimiento de la primera brigada de asalto en esta victoria zona de nuestra autonomía por Aragón. Para todos los miembros de la libertad que luchan por la independencia de España y por la emancipación de los trabajadores del mundo, un por igual nuestro agradecimiento en esta hora de ferviente entusiasmo. Efectos que ya ha sido abierto camino a una continuado siempre hacia adelante.

El por qué de una dimisión

La dimisión del general Faupel ha sido motivada por las graves disensiones ocurridas en el cuerpo de oficiales que han determinado cambios sangrientos, la muerte de oficiales italianos y alemanes a los oficiales alemanes. La actitud provocadora de los oficiales nazis respecto al mando del general Faupel ha terminado por desatar las protestas violentas de los oficiales españoles, franceses. Otras divergencias de opinión con los jefes del ejército italiano, con motivo del fracaso de sus operaciones militares no serían, asimismo, extrañas a la dimisión del hombre de confianza de Hitler.

Estamos satisfechos

La Confederación Nacional del Trabajo tiene motivos más que suficientes para estar orgullosos del comportamiento de sus hombres, en el caso de Belchite. Esa arrogancia nazis de poder por el propio de sus oficiales comunistas, pero también reconocimos el heroísmo desplegado por los demás fuerzas del glorioso ejército del pueblo, haciendo efectiva el cumplimiento de la primera brigada de asalto en esta victoria zona de nuestra autonomía por Aragón. Para todos los miembros de la libertad que luchan por la independencia de España y por la emancipación de los trabajadores del mundo, un por igual nuestro agradecimiento en esta hora de ferviente entusiasmo. Efectos que ya ha sido abierto camino a una continuado siempre hacia adelante.

Ante la dimisión de Companys

GERONA. C. N. T., como los demás... (Text continues with political commentary on Companys' resignation and the CNT's stance.)

Esta el partido no creía definitivamente sobre... (Text continues with further political analysis and the CNT's position on the current events.)

Tras el primer momento de... (Text continues with commentary on the political situation and the role of the CNT.)



DE ACTUALIDAD ENTORNO A LA UNIDAD

Otra vez se vuelve a entredicho la unidad que debe haber entre todos los sectores antifascistas y revolucionarios... (Text discusses the challenges of achieving political unity.)

DOS DIPUTADOS NORTEAMERICANOS VISITAN ESPAÑA

Valencia, 14.—Hoy llegaron a Valencia los diputados norteamericanos Jerry O'Connell y John Tassan... (Text reports on the visit of two US congressmen to Spain.)

Ataque frustrado de los aviones fasciosos sobre Barcelona

Barcelona, 14.—En el Cuartel de la Plaza de la Constitución... (Text reports on a failed fascist air attack on Barcelona.)

Visado por la Censura por la previa censura

El visado por la censura... (Text discusses censorship procedures and the impact on the press.)

ESPAÑOLES ANTIFASCISTAS

Miles de hermanos vuestros... (Text is a call to action for antifascist Spaniards.)

A los refugiados de Euzkadi

Por el Departamento de Gobierno y Justicia... (Text addresses the needs of refugees from the Basque region.)

UN VOTO EN FAVOR DE LA DEPURACION EN PARTIDOS Y ORGANIZACIONES

Al fin un órgano del Partido Comunista... (Text discusses the proposal for purging parties and organizations.)

quiere Republicana, Unión Republicana, el Partido Socialista... (Text continues the discussion on political purges.)

Por supuesto a este cambio y por el respeto que como antifascistas... (Text further elaborates on the political stance regarding purges.)

Mujeres de la Española

Apelamos a vuestra sensibilidad... (Text is a call to action for women in the CNT.)

Podría algún tiempo, los órdenes... (Text discusses the role of women in the political struggle.)

Por eso celebramos que este... (Text concludes the call to action for women.)

COMPAREÑOS: TODO POR Y PARA ASTURIAS!!

LA VOZ DE LAS TRINCHERAS

El ejército no es una cosa... (Text discusses the role of the military in the struggle.)

El ejército hoy a la gran familia... (Text further discusses the military and the role of the CNT.)

El ejército no es una cosa... (Text concludes the discussion on the military.)

COMPAREÑOS: TODO POR Y PARA ASTURIAS!!

LA VOZ DE LAS TRINCHERAS

El ejército no es una cosa... (Text discusses the role of the military in the struggle.)

El ejército hoy a la gran familia... (Text further discusses the military and the role of the CNT.)

El ejército no es una cosa... (Text concludes the discussion on the military.)